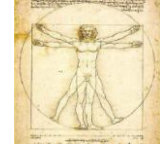




UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ÉTICA E MORAL PARA ENGENHEIROS

UFPR - ST - DEQ / DEBB



(Redigido em outubro de 2013.)

O fim não é o conhecimento da ética e sim o agir eticamente. O pretendido é que o conhecimento se transforme em ação.

Ética Aristotélica.

A Ética proposta por Aristóteles, apesar de antiga é uma das mais importantes mesmo na atualidade. Aristóteles nasceu em Estagira, na região grega da Macedônia em 384 a.C. e faleceu também na Grécia, em 322 a.C. Por sua origem, também é conhecido como o Estagirita. Platão foi aluno de Sócrates e Aristóteles foi aluno de Platão, tornando-se proeminente em sua Escola. Com a morte de Platão, não sendo escolhido como sucessor, fundou em Atenas, em 333 a.C. a sua própria instituição de ensino denominada por Liceu, por se localizar próxima ao Templo consagrado ao Deus Apolo, nos seus aspectos simbólicos de lobo (licos). Aristóteles costumava instruir seus alunos enquanto caminhava. Deste modo a instituição também é conhecida como Escola Peripatética, pois em seu 'peripatos', (termo grego para passeio,) os estudantes e ele caminhavam e debatiam sobre os assuntos dos cursos. Lá passou 13 anos ensinando e escrevendo a maior parte de suas obras. Foi grande colecionador de textos possuindo uma biblioteca particular de grande expressão para a época. Tem cerca de 20 publicações, conhecidas graças ao seu seguidor posterior Andrônico de Rodes o qual organizou seus inumeráveis escritos. No entanto vários outros livros seus se perderam. A Ética Aristotélica está concentrada no livro 'Ética a Nicômaco', sendo Nicômaco o nome de um de seus filhos. Seu aluno mais notório foi Alexandre o Grande, o qual tinha o sonho de criar um só povo irmão, liberto dos inúmeros conflitos bélicos comuns entre os pequenos reinos da época. Seu sonho se frustrou com a sua morte prematura e devido à ganância de seus generais.

Ao final da vida, Aristóteles foi perseguido pelos Atenienses e refugiou-se em Cálcide, onde faleceu.

Com a transformação de uma crença particular cristã como a única tolerada pelo Império Romano no século IV e a consequente queima e destruição de textos, o pensamento grego dentre outros foi varrido do Ocidente. Após as Cruzadas tais ideias foram gradualmente reintroduzidas a partir do Oriente, apesar da grande resistência inicial e por fim o pensamento Aristotélico passou a ser relevante na Ética Cristã contemporânea.

Aristóteles observou que todo e qualquer comportamento humano sempre tem como motivação a busca, mesmo que equivocada de um bem qualquer. Quando alguém mata, está procurando, por exemplo, satisfazer sua vingança. Quando alguém rouba, está procurando aumentar seu bem estar. 'Toda a arte e toda a investigação, bem como toda a ação e toda a escolha, visam a um bem qualquer; e por isso foi dito, não sem razão, que o bem é aquilo a que as coisas tendem.' Tudo que o homem faz visa a um bem qualquer; tudo tende para o bem.

Em acréscimo, pode-se observar que existem inúmeras coisas boas e uma hierarquia entre elas. Se há uma hierarquia, deve haver um bem maior que todos os demais e este bem maior é o mais almejado. Este bem maior; tal sumo bem é aquilo que os homens verdadeiramente buscam, quando pretendem satisfazer seus desejos menores.

Necessário então procurar diagnosticar que bem máximo é este. Como ponto de partida Aristóteles sugere começar a busca pelos desejos mais comuns da cada um. Isto é, pelas coisas boas já bem reconhecidas, tomando no entanto o cuidado de não agir analogamente a um maratonista que corre por uma pista oval. Ao chegar ao ponto mais distante imediatamente começa a retornar ao ponto de partida. Ou seja, devemos buscar o essencial com o cuidado de chegando a este ponto não retornar a pontos mais superficiais.

O sumo bem deve ser o mais absoluto e incondicional. Aquilo que é sempre desejável em si mesmo e nunca no interesse de outra coisa. Como absoluto e incondicional, o sumo bem tem que resistir à prova do tempo. Ser bom para todos os antepassados, para todos os pósteros, para cada um de nós e para toda a humanidade. Isto é, ser universal.

Nesta busca podemos chegar à conclusão provisória que o sumo bem é uma vida de prazer. No entanto tal estilo de vida seria a de um escravo, que alterna grande prazer com grande sofrimento. Uma ilustração deste pensamento Aristotélico no contexto da pós modernidade seria a de um viciado em crack. Tal vício se dá, por mecanismo idêntico à todas as demais drogas, porque o produto no que é consumido, confere uma enorme sensação de prazer. No entanto tal prazer passa e advém ao usuário grande sofrimento e angústia o que gera um impulso premente por amenização que leva ao consumo de uma nova dose. Ocorre deste modo fenômeno exatamente como descrito por Aristóteles: um escravo que goza alternadamente grandes prazeres e grandes sofrimentos.

Nesta busca poderíamos também concluir que o sumo bem seria a honradez, ou a fama, ou a respeitabilidade, ou ainda a credibilidade ou a fortuna. Aristóteles neste caso pondera que o sumo bem deve ser algo próprio do homem, que dependa dele mesmo e que dificilmente possa lhe ser tirado. Neste caso, a honradez e os demais itens citados dependem mais de quem os concede do que de quem os recebe. Isto é, não depende do próprio indivíduo, mas sim do meio onde se encontra e daqueles que o rodeiam. É relativamente fácil observarmos pobreza, convertendo-se em riqueza e depois novamente em pobreza. Ou riqueza convertendo-se em pobreza e eventualmente mais uma vez em riqueza.

Efetuada tais ressalvas preliminares, podemos tentar diagnosticar qual seria tal sumo bem, por uma série de auto questionamentos. Quero concluir um curso superior; isto é bom. Porém perguntemo-nos agora: Por quê? Quero obter um bom emprego. Por quê? Quero viajar. Por quê? Através de tais perguntas sucessivas quanto às nossas atitudes, terminamos por descobrir que na verdade, o que estamos realmente buscando com todas elas, segundo Aristóteles é a felicidade, o desenvolvimento pessoal e a autorrealização. A este anseio composto, se confere o termo grego Eudamonia. A Eudamonia, acima de qualquer outra coisa, é considerada como esse sumo bem.

Se o estudo da Ética é a busca do comportamento adequado individual e se a pretensão de todos é a Eudamonia, o comportamento adequado e portanto ético, é exatamente aquele capaz de promovê-la.

Diagnosticado aquilo que cada um de nós busca, cabe agora descobriremos como obtê-lo.

Aristóteles passa então de um raciocínio lógico e dedutivo para uma abordagem indutiva e experimental, de uso comum em diversos ramos da ciência e cita uma regra de inestimável valor, cujas aplicações transcendem em muito o escopo deste texto: 'Para explicar as coisas invisíveis, devemos recorrer à evidência das coisas sensíveis.' Ou seja, para podermos explicar o que está além e causa as manifestações, devemos recorrer ao estudo dos efeitos manifestados em si. Desta forma, como desejamos saber como nos tornarmos felizes, realizados e desenvolvidos, cabe observar como agem os homens que alcançam tais características.

Aristóteles observou que o homem feliz vive bem e age bem. Que bem viver e bem agir corresponde diretamente a ser feliz.

Em nossas vidas cotidianas frequentemente supomos que alguns indivíduos que fazem o mal, antiéticos, terminam por alcançar a felicidade. Isto talvez ocorra porque observamos apenas o mundo exterior das pessoas e não o seu mundo interior. Não vemos suas despesas com médicos e com a farmácia; seu consumo de psicoativos, seus conflitos e isolamento interpessoal. Talvez também porque nossa capacidade de estudar os acontecimentos seja limitada. Observamos o que ocorre hoje, mas hoje não somos capazes de observar o amanhã. De qualquer modo Aristóteles desconsiderou eventuais exceções.

Porem quais seriam as características destas pessoas que agem bem? Como descrever e classificar a natureza de suas atitudes? Neste ponto Aristóteles faz uma abordagem compatível com o pensamento grego então vigente. Enquadrou as atitudes destes homens felizes em classes denominadas por virtudes. No entanto seria um contrassenso que a prática de tais comportamentos fosse desagradável, pois afinal é exatamente a prática de tais virtudes que leva a felicidade e a eudamonia de modo geral.

Os homens virtuosos são felizes e por serem felizes são classificados como éticos, de modo que os homens éticos são virtuosos. As ações virtuosas devem ser necessariamente aprazíveis em si mesmas. A Eudamonia, que é obtida agindo-se virtuosamente é portanto também, a melhor, a mais nobre e a mais aprazível coisa do mundo.

Ser louvada é característica das virtudes e da ética como um todo. Fácil observar que em geral mesmo indivíduos não éticos prezam a ética. Assim, por exemplo, um padrão desonesto e antiético desejará um empregado fiel a ele, honesto a ele e laborioso para ele. Desta forma, mesmo os não virtuosos louvam a virtude, desde que os virtuosos não se voltem contra eles e desde que coadunem com seus erros. Os filósofos e os éticos são perseguidos e assassinados não por serem éticos, mas sim por suas ações políticas, defendendo uma ética comunitária.

Pelo pensamento Aristotélico, o comportamento ético independe do meio externo. Alguns homens tornam-se éticos; amealham inúmeras virtudes. Outros não o fazem portando-se de um ou outro modo nas mesmas circunstâncias.

O estagirita considera que a alma humana tem uma parte racional e outra irracional, que são distintas porem inseparáveis por natureza. Segundo ele, o princípio racional impele para o bem e (uma parte) do princípio irracional atua no sentido inverso.

Quanto mais ético seja um indivíduo mais a irracionalidade estará em todos os casos em sintonia com o princípio racional. Desta forma o primeiro passo para atingir a Eudamonia através do comportamento virtuoso é agir racionalmente e controlar as paixões com o emprego da razão. Surgem assim duas virtudes, quais seja o controle da impulsividade e a continência. No homem continente o elemento irracional indesejável obedece ao princípio racional. Por fim, 'em todas as coisas, contra o que mais devemos nos precaver é o prazer e o que é agradável, pois não podemos julgar-los com imparcialidade.'

O aperfeiçoamento de nossa conduta é a rigor um processo gradual de longo prazo. Ninguém pode ou deve transformar abruptamente o seu modo de ser. Ninguém pode ou deve ficar muito diferente de uma hora para outra. De acordo com Aristóteles, para iniciar tal jornada é conveniente começarmos com as nossas características comportamentais já razoavelmente satisfatórias e progredirmos eticamente a partir daí.

Aristóteles toma o cuidado de indicar a estratégia a ser usada para estabelecer em nós mesmos os comportamentos Éticos; aqueles capazes de nos fazer atingir a Eudamonia. Segundo ele, confiar ao acaso o que há de melhor e de mais nobre seria um completo contrassenso.

As virtudes seriam intelectuais ou morais. A geração e o crescimento das virtudes intelectuais se devem em grande parte ao ensino e requerem experiência e tempo. As virtudes morais são obtidas pelo hábito; pela prática. Aristóteles, consonantemente à moderna Programação Neuro Linguística, considera cada um de nós, ao mesmo tempo, o treinador e aquele que é treinado por nós mesmos. Assim, por exemplo, caso desejemos nos tornar mais cordiais devemos, antes de mais nada, começar a exercitar continuamente a cordialidade, até que esta característica se torne automática em nós. Assim, tornamo-nos virtuosos praticando a virtude e é pela ação que se gera ou se destrói uma virtude. Isto é, agindo-se bem ou agindo mal nos atos que praticamos em nossas relações com outras pessoas.

Para ilustrar a importância do treinamento, Aristóteles cita que um sábio foi convidado a dar uma palestra sobre educação. Este pediu um longo prazo para se preparar, o que surpreendeu os interessados, frente à sua notoriedade e domínio sobre o assunto. Chegada a data da apresentação, o palestrante se colocou no centro do anfiteatro e sem dizer palavra chamou auxiliares que trouxeram duas gaiolas: uma com uma lebre e outra com um lobo. Após outro sinal as gaiolas foram abertas: a lebre correu e o lobo também ao seu encaixe terminando por despedaçá-la frente à audiência atônita. Passados alguns momentos o sábio fez outro sinal e outras duas gaiolas foram trazidas. As portas se abriram e a plateia aguardou idêntica cena. No entanto, desta feita, a lebre e o lobo correram um em direção ao outro e começaram a brincar afetuosamente. Com isto o sábio falou: Vocês me pediram para falar sobre educação. A diferença do primeiro para o segundo par de criaturas é a de que a segunda foi educada.

Fica claro assim que podemos alterar nossas próprias características pessoais indesejáveis com o devido treino. O primeiro passo para atingir a Eudamonia é procurar empregar a razão no direcionamento de nossas atitudes. O segundo é o de auto-condicionarmos-nos. Habitarmos-nos a agir virtuosamente. A repetição de uma ação gera um hábito; um costume; uma maneira de agir fortalecida e condicionada. Desta forma se a virtude é condicionada, o erro se torna mais difícil. Para a posse das virtudes apenas o conhecimento é de pouco ou nenhum valor. A prática reiterada de atos virtuosos e portanto éticos é de importância fundamental. É por sua prática que o homem torna-se efetivamente ético. Sem essa prática ninguém teria sequer a

possibilidade de tornar-se bom. '...Porém, a maioria das pessoas não procede assim. Refugiam-se na teoria e pensam que estão sendo filósofos e dessa forma se tornarão bons, de certo modo parecendo com enfermos que escutassem atentamente os seus médicos, mas nada fizessem do que estes lhes houvessem prescrito. Assim, como a saúde destes últimos não pode restabelecer-se com esse tipo de tratamento, a alma dos primeiros não se tornará melhor com um tal curso de filosofia...'

O estagirita considera que há uma necessidade fundamental a toda a ação ética que é a sua tempestividade. Ou seja, deve ser pertinente, buscar alguma utilidade. Deve também ser realizada em momento oportuno e em local conveniente. A orientação por ações úteis permite classificar a ética Aristotélica como uma forma de utilitarismo. Por se ajustar às condições de local e época não se caracteriza pelo estabelecimento de regras específicas e sim como já foi percebido, fundamenta-se exclusivamente no agir bem, que por sua vez se realizará caso a caso, graças ao bom discernimento do indivíduo. A ética de Aristóteles frequentemente é denominada como ética das virtudes.

Após o acima exposto cabe-nos agora mencionar algumas das virtudes exploradas pelo filósofo e é difícil escolher a melhor ordem para tal.

Aristóteles salienta a que estrutura seu modo de pensar. Em certo aspecto a principal e a rainha das virtudes a qual é a temperança ou moderação. Por descrição pitagórica anterior, buscar em tudo o meio justo e bom.

Ele observou que a grande maioria das virtudes tem um extremo de excesso e outro de deficiência. Os pontos médios seriam as virtudes e os extremos os seus vícios correspondentes. As virtudes seriam destruídas pela deficiência ou excesso e preservadas pela mediania.

Aos extremos da temperança, tanto seu excesso quanto sua deficiência, denominamos pelo mesmo termo, intemperança.

A prudência é outra das virtudes de enorme importância, talvez equivalente ou ao menos logo após a moderação. Pitágoras quanto a ela nos sugere pensar antes de falar ou agir. A prudência e a coragem são como as duas faces de uma mesma moeda. Os excessos de ambas são respectivamente conhecidos pelos termos covardia (até eventualmente a inação) e temeridade. As deficiências, respectivamente a temeridade e a covardia. Eventualmente fosse um exercício interessante, para cada virtude, buscar encontrar os termos caracterizadores dos vícios de excesso e de deficiência. Analisando a persistência, encontraríamos a inconstância e a teimosia. A liberalidade teria os extremos de avareza e prodigalidade. Prodigalidade extrema é considerada atualmente um desarranjo psíquico e se caracteriza por dar-se aquilo que não se tem. O ponto ótimo entre o desprezo e a idolatria seria o da admiração. O equilíbrio entre a impureza e o puritanismo é a pureza. O ótimo da mansidão teria como desvios a ira e a indefensabilidade. A simplicidade estaria entre a luxuosidade e a simploriedade. A humildade entre o orgulho e a pusilaminidade. O exercício pode ser estendido para todas as afecções humanas.

O meio termo; a atitude virtuosa adequadamente distante das extremidades opostas é determinada de modo relativo. É um diagnóstico pessoal. Para auxiliar tal análise é útil observar o que é nobre versus o que é vil; o que é vantajoso versus o que é prejudicial, que é agradável versus o que é doloroso. Observe que pelo pensamento aristotélico e pelo menos a longo prazo, não há nada que gere maior prazer do que ser ético; virtuoso. Desta forma, apesar do fato que cada um de nós intimamente e sempre tendamos a nos considerar suficientemente bons, caso estejamos a sofrer, tal sofrimento é evidência que nosso comportamento não tem sido tão adequado quanto poderia. A natureza de cada um de nós pode ser considerada simbolicamente análoga a nossos pés. Os sapatos como nosso comportamento individual. Caso usemos sapatos de tamanho menor, ele machucará, eventualmente até não conseguirmos andar e nossos pés se ferirão. Por outro lado, se usarmos sapatos folgados demais, será também difícil caminhar. Eles machucarão. Podem cair dos pés e estes se ferirão no caminho pedregoso da existência. Em suma cada um tem um comportamento que lhe é adequado. O ponto ótimo para cada virtude e o diagnóstico de tal ponto cabe a cada um de nós fazer, através da razão e do auto conhecimento.

Em suma, por Aristóteles, o prazer e a dor que experimentamos são indicativos da qualidade de nossos comportamentos.

A tendência natural do ser humano quando porta um determinado vício é o de considerar um outro que porta a virtude de mesma modalidade, como manifestando o vício oposto. Assim um temerário ao observar um prudente tenderá a considerá-lo covarde. Um puritano ao observar uma pessoa pura, o considerará um libertino.

Uma vez que o indivíduo consiga diagnosticar que se encontra fora do ponto médio para si, em relação a uma virtude qualquer, Aristóteles sugere um procedimento corretor. Forçar-se seguidamente na execução do comportamento contrário, também não correspondente ao ponto médio. Assim, se alguém considera que está amando de menos, deve esforçar-se por algum tempo a amar demais. Se é auto diagnosticado como pouco amigável que procure por algum tempo ser amigável além da conta. Se rigoroso demais, por algum tempo e repetidamente por atitudes, uma pessoa complacente. Aristóteles observa que este é procedimento análogo ao de endireitar uma tábua empenada. Ela é molhada e forçada repetidamente para o lado contrário ao do empenamento. Ou seja, para atingir o ponto ótimo, deve-se cultivar por algum tempo o hábito de ultrapassá-lo.

Poderíamos considerar que alguns princípios não apresentam nem excesso nem falta. Seriam exemplos a veracidade e o amor. No entanto podemos ser verdadeiros com rudeza na hora inoportuna ou verdadeiros com gentileza na hora oportuna. Ou podemos voltar o amor exclusivamente a nós mesmos (egoísmo) ou voltá-lo exclusivamente aos outros.

A justiça, além da temperança e da prudência é outra virtude muito apreciada por Aristóteles. A temperança e a justiça são como virtudes irmãs. Aristóteles considera a justiça uma virtude completa, pois está ligada a atuação do indivíduo não somente para consigo mesmo, mas também em relação ao próximo. A justiça é também o bem de um outro. A justiça seria uma síntese de todas as virtudes. Em relação a esta virtude que estamos agora a considerar, ele recomenda agir na consideração das leis ideais, além e acima das leis formais. Acima das leis convencionadas pelos homens, aquelas que reflitam o bem. A justiça de acordo com o estagirita é distributiva e proporcional. A reciprocidade dever-se-ia fazer de acordo com uma proporção e não na base de uma retribuição exatamente igual e seria pela retribuição proporcional que uma coletividade se manteria unida. Ou seja, se um de nós recebe algo bom é oportuno que ofereça algo em troca, proporcional às nossas possibilidades. Se um chefe nos contempla com uma promoção que jamais poderíamos dar igual a ele, que tal lembrar de seu aniversário ou lhe desejar bom dia?

O homem que age injustamente ficaria com uma parte muito grande daquilo que é bom, e o que é injustamente tratado ficaria com uma parte muito pequena. A justiça corretiva seria o meio termo entre a perda e o ganho. Deveríamos, segundo Aristóteles, tanto subtrair do que tem mais, como acrescentar ao que tem menos. Justiça seria equilibrar os pratos da balança. Pelo exposto observamos, que tal como os demais maiores pensadores da área da ética, Aristóteles também defende a igualdade entre todos os seres humanos. Não apenas igualdade de oportunidades, mas também plena e indistinta igualdade de meios e fins.

O pensamento de Aristóteles é de extrema valia. Ele nos mostra que todas as ações humanas, normalmente impensadas e de motivação não consciente, pretendem a felicidade, a autorrealização e o desenvolvimento pessoal. A pessoa que sente-se em autorrealização e desenvolvimento, sente-se bem. Observa que a prática de virtudes leva a tais resultados e a prática de vícios a resultados opostos. O comportamento adequado ao homem é o que lhe trás a felicidade, a autorrealização e o desenvolvimento. Como isto é alcançado por uma vida virtuosa, uma vida virtuosa é uma vida ética.

Tornamo-nos virtuosos agindo racionalmente a habituando-nos a ações virtuosas. A virtude se obtém pela prática. Se por acaso sofremos, cabe a nós observar quais virtudes não estamos praticando adequadamente e procurar nos ajustar melhor ao seu ponto de equilíbrio. Várias virtudes são comentadas por Aristóteles.

A virtude fundamental é a temperança, concebida como o meio justo e bom entre opostos de mesma natureza (vícios). Tal meio justo e bom adequado depende de cada indivíduo. A prudência é magistralmente descrita por Pitágoras séculos antes: 'pensa antes de falar; pensa antes de agir.' A justiça é uma virtude que sintetiza as demais. Na sua ação, deve-se buscar o equilíbrio, o meio termo e a igualdade, através de ações proporcionais aos desvios. A justiça Aristotélica visa a plena e efetiva igualdade entre todos.

Mas não poderíamos encerrar este texto sem pelo menos mencionar mais umas poucas virtudes, dentre as aristotélicas.

A fortaleza ou seja, não fraquejar ante os obstáculos ou a oposição; persistir.

O auto controle e gestão, sinônimo de autonomia, termo criado e virtude valorizada anteriormente por Sócrates.

A amizade, que é dar amor a outro.

A magnanimidade (bondade) e a magnificência (generosidade) tão profundamente valorizadas pelos grandes pensadores de todos os tempos.

Se Aristóteles está certo, o que é verdadeiramente de valor na vida é obtido através das virtudes. O que é detestado por todos, através dos vícios. Cabe a cada um de nós confiar ou não no diagnóstico deste filósofo; experimentar e nos convenceremos ou não que está certo.

Paul Fernand Milcent
Um seu amigo

Referência

Aristóteles. Ética a Nicômaco. Editora Martin Claret. 6ª edição. 2013.